

O PAPEL DA “TRANSCRIÇÃO” NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DA PRODUÇÃO TRADUTÓRIA NO BRASIL: PAULO LEMINSKI TRADUTOR

Lívia Mendes Pereira¹

Resumo

O presente trabalho procura revelar a importância da teoria da *transcrição*, cunhada por Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, para a teoria e crítica da tradução literária no Brasil. Discutimos, principalmente, como se deu o reflexo dessa teoria na produção tradutória dos anos 1980 no Brasil, que teve o poeta e tradutor curitibano Paulo Leminski como um de seus expoentes. Realizamos um panorama histórico, econômico e cultural da tradução no Brasil, passando pela visão de alguns autores como José Paulo Paes, Ana Cristina César e Jorge Wanderley. Destacamos as principais características das escolhas tradutórias feitas pelos poetas concretistas e as relacionamos com o projeto tradutório leminskiano. Interessa-nos demonstrar como as relações culturais e econômicas e também a conjuntura política que o país atravessava na época demarcaram e diferenciaram um período relevante de produções tradutórias no país. Destacamos, portanto, o aumento e o incentivo da atividade tradutória nos anos 1980, década em que o poeta Paulo Leminski publicou todas as suas traduções. Dessa forma, percebemos como o incentivo à realização de traduções foi reflexo do momento político e cultural da época e como a teoria da tradução como recriação influenciou esse contexto tradutório.

Palavras-chave: Tradução. Transcrição. Paulo Leminski. Poesia concreta. Anos 1980.

Abstract

The present work tries to reveal the importance of the theory of *transcreation*, coined by Augusto and Haroldo de Campos and Décio Pignatari, for the theory and critic of the literary translation in Brazil. We mainly discuss how this theory was reflected in the translation production of the 1980s in Brazil, which had the poet and translator Paulo Leminski as one of its exponents. We carry out a historical, economic and cultural view of the translation in Brazil, passing through the vision of some authors as José Paulo Paes, Ana Cristina César and Jorge Wanderley. We highlight the main characteristics of the translation choices made by “concret” poets and relate them to the Leminski’s translation project. We are interested in demonstrating how the cultural and economic relations and also the political situation of the country at the time demarcated and differentiated a relevant period of translation productions in Brazil. We highlight, therefore, the increase and the incentive of the translation activity in the 1980s, when the poet Paulo Leminski published all his translations. In this way, we perceive how the incentive to perform translations was a reflection of the political and cultural moment of the time and how the theory of translation as a re-creation influenced this translating context.

Keywords: Translation. Transcreation. Paulo Leminski. Concrete poetry. 1980s.

¹ Doutoranda no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). liviamendesletras@gmail.com

A tradução e a teoria da tradução literária no Brasil foram deixadas muito tempo de lado nos estudos linguísticos, como bem lembrou Faleiros (2012, p.23), somente em 1983 foi publicado um estudo que se debruçasse de forma mais sistemática sobre a tradução no Brasil, quando José Paulo Paes publicou o artigo *A tradução Literária no Brasil*². Nesse artigo Paes reconhece a contribuição da obra dos irmãos Campos para a nossa “ainda pobre bibliografia tradutológica”. Paes (1990, pp.30-31) reforça a importância das formulações acerca da teoria da tradução poética e da recriação de textos de mais alta complexidade formal realizadas pelos fundadores da poesia concreta no Brasil (Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari e José Lino Grünewald). O ponto principal da declaração de Paes, e que muito nos interessa no estudo da tradução leminskiana, é o efeito estimulante que a produção tradutória destes teóricos e poetas causou em outros diversos poetas. Segundo Paes, “O alto nível dessas traduções, regularmente divulgadas em jornais e revistas e mais tarde recolhidas em livros, teve efeito estimulante, incitando outros poetas a se dedicarem também às versões poéticas e abrindo um espaço para elas na imprensa literária.” (PAES, 1990, pp.30-31).

A importância da teoria da transcrição para a teoria da tradução literária no Brasil também ganha destaque na primeira dissertação de mestrado sobre tradução poética defendida no Brasil, em 1983, de Jorge Wanderley, intitulada *A tradução do poema: Notas sobre a experiência da Geração de 45 e dos Concretos*. Wanderley logo na introdução diz que os concretos têm pleno conhecimento do que devem saber para empreender uma tarefa “ao mesmo tempo tão agigantada e tão ingrata.” (WANDERLEY, 1983, p.17). O autor também aponta alguns problemas, em suas palavras alguns “deslizes”, na obra tradutória dos poetas concretos, mas afirma que estes não diminuem a qualidade, a importância e a inventividade destes trabalhos tradutórios.

Outra reflexão importante sobre a poética da transcrição instaurada no Brasil pelos irmãos Campos foi feita pela teórica e poeta Ana Cristina César no artigo “Bastidores da Tradução”, publicado no livro *Escritos da Inglaterra*. O ponto mais relevante de seu ensaio, e que reflete diretamente em nossos estudos sobre a tradução leminskiana, é o fato de Ana Cristina (1988, p.139) considerar Augusto de Campos um militante na área cultural e afirmar que seu trabalho foi relacionado com um projeto político específico no decorrer da década de 1950. Toda análise da autora, que compara dois livros de poesias traduzidas no Brasil (*Poemas Traduzidos*, de Manuel Bandeira e *Verso reverso controverso*, de Augusto de Campos), é baseada no questionamento do significado de militância cultural, no que concerne à prática da tradução; na escolha constante de ‘quem’, o ‘que’ e ‘como’ traduzir e sua relação direta com os problemas da tradução de poesia e, por fim, na tradução de determinados textos em um contexto social definido.

Todos esses questionamentos também fazem parte das questões que permeiam este estudo sobre o contexto histórico social da tradução leminskiana no Brasil. Dessa forma, as considerações realizadas por Ana Cristina César sobre esses questionamentos referentes à produção tradutória de Augusto de Campos serão um dos nossos pontos de partida para uma reflexão mais aprofundada.

² Publicado sete anos mais tarde em forma de livro.

Sobre a militância presente na obra de Augusto, Ana Cristina diz que o autor expressa sua orientação ideológica na escolha que faz de poetas e de poemas, “é uma atitude bastante política, uma vez que expressa dentro de uma estrutura coerente de valores pró/contra e de conceitos de poesia nos termos ‘dominador/dominado’.” (CÉSAR, 1988, p.141). Para a autora, Augusto sabe que está dentro de um contexto de luta ideológica, mesmo quando o debate não ultrapassa os limites dos círculos literários. O ápice dessa atitude revolucionária, segundo a visão da autora, está em “opor-se ao establishment através da tradução e publicação de poetas que produziram poesia ‘revolucionária’, ou, pelo menos, poesia orientada para uma revolução da linguagem.” (CÉSAR, 1988, p.141). Assim sendo, o tradutor tem consciência do impacto de sua tradução na cultura brasileira, por isso é enfático em suas preferências em traduzir determinados poetas; isso “reflete sobre a sua prática em termos do efeito crítico *contemporâneo* que causará.” (CÉSAR, 1988, p.142). Para Ana Cristina, Augusto de Campos “assume a postura de um professor que vai mostrar às crianças (de um país subdesenvolvido) o que devem ler e de que modo devem ler.” (CÉSAR, 1988, p.143).

Essa característica específica da postura de Augusto de Campos definida por Ana Cristina, vista de forma mais ampla, reflete a teoria da transcrição no Brasil. Esta teoria foi exercida pelos poetas concretos e mantida por seus contemporâneos, que, influenciados por essa corrente tradutória, perseguiram uma orientação ideológica específica.

Em seu artigo Ana Cristina define as principais marcas dos poetas a serem traduzidos escolhidos por Augusto: 1) “irreverência temática”, como sexualidade explícita, erotismo, sátira social, violência, humor negro, ironia, elementos vulgares; 2) “‘tecnologia’ poética, ou artesanato formal rigoroso”, ou seja, obras que se destacam pelo cuidado com a linguagem, utilizando-se da densidade, da concisão e da precisão. “Para Augusto de Campos, numa poesia deverá haver sempre algo extremado, devendo a tradução reproduzir essa característica” (CÉSAR, 1988, p.144); 3) “Significado intencionalmente ‘obscuro’ ou ‘difícil’”, o que torna a poesia mais rica e consequentemente mais crítica; 4) “Um tipo de poesia mais intelectual, em oposição à de tipo emocional”, poesia que instiga, que assume posição crítica, “como se estivéssemos lutando com um problema matemático.” (CÉSAR, 1988, p.145).

Para Ana Cristina as escolhas de Augusto estão evidentemente ligadas ao legado do projeto concretista, que na década de 1950 “era um movimento cultural definido, com consciência política e um bom substrato teórico.” Nesse sentido, a autora diz que poderia até afirmar que as traduções foram, para ela, “a mais alta contribuição criativa dos poetas concretistas.” A autora enfatiza que esse gosto pela poesia como “discurso elaborado” em contrapartida à poesia “como expressão de ser” foi incentivado por um “contexto de intensa mudança política e social no Brasil”, ou seja, um país que estava se modernizando, o que significava trazer a poesia para um patamar de utilidade, visualmente comunicativa, ligada aos meios visuais (televisão, propaganda, jornal). Depois de todas essas reflexões, Ana Cristina conclui que, para ela, “a teoria concretista é mais interessante do que sua prática”, porém reforça, novamente, que as traduções realizadas por esses poetas “representam o ponto alto de todo o seu programa”, sendo a prática “muito mais vital do que toda a teoria”.

Nesse sentido, John Milton também enfatiza o papel que os poetas concretistas tiveram ao trazerem a obra de muitos poetas estrangeiros para a atenção do público leitor brasileiro. O autor cita o trabalho de Jorge Wanderley, em que este comenta a

seriedade e o plano coerente do trabalho tradutológico dos poetas concretistas que como consequência fizeram com que a tradução literária no Brasil se tornasse

algo muito diferente da sempre desprezada, embora nem sempre desprezível tradução dominical, operada sem cerimônias e sem a visão fundamental: a de que na tradução tudo está [...]. Com esta mudança de eixo, o grupo instaura, ademais, no panorama brasileiro uma visão de que a tradução passe a ser considerada como chave para o literário e suas relações com o que nos cerca (WANDERLEY, 1983, p.158 apud MILTON, 1993, p.168).

Sobre a relação entre teoria e prática do fazer tradutório concretista, Jorge Wanderley (1983, p.157) expressou que, em seu entendimento, às vezes a prática se fez menos radical do que sua teoria. Não nos cabe neste estudo avaliar a correspondência entre teoria e prática da atividade tradutória concretista, porém, podemos afirmar que historicamente e ideologicamente, assim como enfatizaram todos os autores citados até aqui, essa prática tradutória foi revolucionária no Brasil, instaurou novos procedimentos tradutórios, trouxe novos questionamentos e perspectivas. Sendo um marco para a teoria tradutória em nosso país, operou como influência tanto de aceitação como de negação para suas gerações posteriores, principalmente para os poetas-tradutores da geração *beat* ou ditos “poetas marginais” que iniciaram sua produção literária e tradutória na década de 1980. Nessa geração se encaixa o poeta Paulo Leminski, objeto de nosso estudo, que em diversos textos, artigos, poemas e obras explicitou a influência da teoria tradutória da transcrição, dos poetas concretistas brasileiros e principalmente dos irmãos Campos, em seu próprio projeto tradutório e também poético. Em trabalho anterior apontamos muitas dessas declarações de Leminski sobre a teoria da poesia concreta e o seu trabalho tradutório pautado na “transcrição”. Citamos algumas cartas que o poeta enviou a Régis Bonvicino, nas quais remete a Pound e aos irmãos Campos como referenciais da criação do “novo” a partir da “revisão da antiguidade”:

Para Leminski os novos poetas, depois do concretismo, não devem ter uma postura tão “fascista”, como a posição extremista advinda de Ezra Pound e conclui: “bashô disse: ‘não siga as pegadas dos antigos./ procure o que eles procuraram./ eles procuraram a poesia. vamos procurá-la. a nossa moda” (LEMINSKI, 1999, p.111 apud PEREIRA, 2016, p.42).

Apontamos também o trabalho de Santana, *Paulo Leminski: Intersemiose e Carnavalização na tradução*, que discute essa questão referente à influência de Leminski:

Leminski equilibrou a influência da radicalidade e do rigor presente no ideal tradutório do grupo *Noigandres* e os mesclou com suas próprias características literárias, com seus influxos de paixão, de liberdade, de prazer, valores estes que sempre

parecem tê-lo aproximado mais de um número maior de leitores (SANTANA, 2002, p.165).

Esta nos parece ser a maior característica diferencial do poeta curitibano: “a preocupação em se comunicar com o grande público, o que não era uma preocupação dos poetas concretistas” (PEREIRA, 2016, p. 42). Santana conclui dizendo que Leminski conseguiu criar seu próprio paideuma paralelo àquele dos irmãos Campos, sempre conectado ao que o grande público esperava:

A influência do Noigandres se processou sem que Leminski se deixasse orientar apenas por um rigor fiel ao paideuma. Leminski queria o paideuma e também falar e ter repertório para um público maior e menos culto, que no final das contas não queria saber de paideuma. [...] Ao aceitar as encomendas de tradução para a Brasiliense, Leminski estava se submetendo voluntariamente a fatores aos quais os *Noigandres* nunca se dobraram (SANTANA, 2002, p.165).

Contexto histórico e cultural

A teoria tradutória no Brasil perpassa os movimentos literários e suas marcas sociais, culturais e editoriais. Bosi (1994, p.487) enfatiza os aspectos da poética dos anos 70, que segundo ele tem como motivo “repropor com ardor o caráter público e político da fala poética – em oposição a toda teoria de autocentramento e auto-espelhamento da escrita”. Bosi diz que essas características funcionam mais como “atitude de desaforo” do que como “realização formal” e adjetiva essa “nova lírica” como “marginal, abertamente anárquica, satírica, paródica, de cadência coloquiais e só aparentemente antiliterárias.” (BOSI, 1994, p.487). Sobre o poeta Paulo Leminski, Bosi (1994, pp.487-488) ressalta que se trata de um “nome a parte que evoca uma presença irradiadora, não só poética mas cultural”, trazendo à luz as questões da vanguarda pós-68. Para o autor, Leminski, além da escrita, criou uma “antropologia poética” marcada pelo acaso e nas técnicas ultramodernas sem inibir “o apelo a uma utopia comunitária”.

Sobre a tradução de poesia no Brasil, Bosi trata a numerosa produção nos anos 80 como “fenômeno mais digno de atenção da nossa historiografia literária neste fim de século.” (BOSI, 1994, p.490); para ele a razão desse destaque está na internacionalização da cultura escrita e a crescente profissionalização do ofício de tradutor. O autor também diz que os bons tradutores são para ele poetas e ensaístas que demonstraram suas qualidades textuais em seus escritos originais, o que, em sua opinião, atribui à tradução um estatuto de pesquisa linguística somada pela aventura da criação. Bosi conclui que a tradução transcende limites nacionais e “ensina o homem a melhor conhecer o mundo e a si mesmo, construindo sobre o que é propriamente humano: a linguagem.” (BOSI, 1994, p.490).

Nessa mesma linha histórica da trajetória da teoria da tradução, John Milton, no artigo “A importância de fatores econômicos na publicação de traduções: um exemplo do Brasil”, faz um panorama da influência econômica e política na atividade tradutória do país, entre os períodos de 1930 a 1961 e, depois, nos anos que seguiram ao golpe militar de 1964. Milton (2010, p.90) lembra que no período de 1930 a 1950

houve um crescente processo de industrialização e urbanização no país, que fez o mercado de trabalho se expandir, permitindo o crescimento do poder aquisitivo, implicando no aumento do consumo pela população. Este fato, somado à política educacional de melhora da educação básica e do aumento da alfabetização e ao crescimento das mídias como o rádio e o cinema, fez com que aumentassem os leitores de livros e revistas no país. As editoras, então, começaram a publicar coleções dirigidas aos novos leitores da classe média baixa, “os livros traduzidos e publicados para esses novos leitores eram para diversão, geralmente atrelados a filmes de Hollywood, além de folhetins, roteiros de novelas traduzidos, peças adaptadas, histórias em quadrinhos e caricaturas.” (MILTON, 2010, p.90).

Já em meados da década de 70, a política foi marcada no Brasil pela repressão e pela censura, ocasionadas pelo golpe militar de 1964, principalmente durante o governo de Emílio Garrastazu Médici (1970-1974). Milton enfatiza que “durante esse período a imprensa foi censurada, e os livros sobre a União Soviética ou sobre temas socialistas não podiam ser publicados.” (MILTON, 2010, p.93). Nesse momento, aumentou a publicação de traduções de livros norte-americanos; o autor cita o acordo entre MEC (Ministério da Educação e Cultura), SNEL (Sindicato Nacional de Editores de Livros) e a USAID (*United States Agency for International Development*) em 1967, que difundiu a tradução de livros norte-americanos no Brasil e fez aumentar a produção de livros traduzidos vendidos. Assim como Milton destaca, com esses fatos podemos perceber como a política influencia na economia e em decorrência disso na cultura da sociedade. Entre os poetas norte-americanos traduzidos, estavam dois grupos: os modernistas (Marianne Moore, William Carlos Williams e Ezra Pound) e os poetas *Beat* (Allen Ginsberg, Lawrence Ferlinghetti e Gregory Corso). Segundo Milton “as inovações de Ezra Pound e a importância que atribuiu às traduções marcaram Haroldo e Augusto de Campos; e os poetas Beat foram uma válvula de escape para o protesto silenciado no Brasil.” (MILTON, 1994, p.95).

Sobre este momento de repressão e censura do país, que resultou na abertura do diálogo e comércio editorial com os Estados Unidos, Irene Hirsch destaca que

para os que tomaram o poder após a proclamação da República (1989), a americanização significou o fim da herança colonial e o começo do progresso e da democracia. A americanização do setor livreiro ao longo do século XX, por sua vez, também não foi vista com simpatia por muitos e também provocou reações de descontentamento, quando o setor industrial nacional se sentiu ameaçado pelo estrangeiro (HIRSCH, 2009, p.61).

A autora (2009, p.63) destaca algumas casas editoriais que financiaram as atividades do IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais), que foram responsáveis pela intensa campanha anticomunista nos anos anteriores ao golpe de 1964; são elas: Agir, Francisco Alves, Globo, José Olympio, Vecchi. Hirsch lembra ainda que este acordo foi feito próximo à decretação do AI-5, em 13 de dezembro de 1968, quando a ação da censura se tornou mais dura, perseguindo-se todo material considerado difamatório, obsceno e sedicioso

ao mesmo tempo em que mais livros eram apreendidos por serem considerados subversivos, denunciados ou

autocensurados, o mercado editorial vivia um crescimento sem precedentes. E, claro, isso implicava num aumento no número de livros traduzidos (HIRSCH, 2009, p.63).

A autora também recorda a oposição ao regime militar realizada pela cultura *beat* e cita um exemplo:

a antologia *Geração Beat* publicada pela editora Brasiliense, em 1968, com poemas e trechos de peças traduzidos de ícones da contracultura como Norman Mailer, Gregory Corso, Diane Di Prima, Ray Bremser, entre outros, organizada pelo também poeta beat Seymour Krim, e traduzida para o português por Marcello Corção (HIRSCH, 2009, p.66).

Como um dos efeitos desses acontecimentos, principalmente no relacionamento mais próximo entre Brasil e Estados Unidos, para a autora,

a agressiva presença norte-americana não implicou na dissolução do sistema literário nacional. Pelo contrário, impulsionou a concretização de várias editoras no Brasil e, ao mesmo tempo, proveu o sustento de um grande número de escritores. Em outras palavras, auxiliou a materialização de projetos de maior prestígio intelectual, que não contavam com grande retorno financeiro (HIRSCH, 2009, pp.66-67).

Outro trabalho que aborda as questões políticas e econômicas como efeito influenciador primordial na produção tradutória no Brasil é o trabalho de Marlova Gonsales Aseff, tese defendida em 2012, na UFSC, intitulada *Poetas-tradutores e o cânone da poesia traduzida no Brasil (1960-2009)*. Destacando o período que interessa ao nosso trabalho, as décadas entre 1960 e 1980, Aseff (2012, pp.130-136) apresenta um panorama da poesia traduzida pelos irmãos Campos, assim como os demais autores citados anteriormente, como um marco para a teoria tradutória no Brasil. A autora cita a prática da tradução indireta de obras em línguas de menos alcance, como as obras russas, que foram pela primeira vez traduzidas diretamente do russo pelos poetas concretistas em conjunto com Boris Schnaiderman.

Em seguida, na década de 1970, Aseff lembra a crise das editoras causada pelo recrudescimento da ditadura militar de 1964. A autora cita a censura promulgada pelo AI-5, “que determinava a punição de editores que publicassem ‘material difamatório, obsceno e sedicioso’” como também aos livros “sobre temas referentes ao sexo, moralidade pública e bons costumes.” (ASSEF, 2012, p.136). Nessa época os livros eram confiscados pela polícia política e até incêndios suspeitos aconteceram. Assef (2012, p.137) recorda que depois da repressão houve a euforia da abertura política, causando uma ambivalência no teor das publicações. A autora cita Moriconi (2010, p.9), que diz que essa década foi de “curtição” e “desbunde”, mas também de “luta armada” e “contestação política e de costumes”. Nesse contexto, surgiu a chamada “Geração Marginal”, que buscou meios alternativos para difundir suas obras, por meio de livros artesanais que circulavam fora dos canais tradicionais; foi em tal contexto que Paulo Leminski iniciou suas atividades poéticas e tradutórias.

Assim como Milton, Assef lembra o incentivo do acordo MEC-SNEL-Usaid, de 1967, para a tradução de prosa, principalmente a norte-americana; segundo ela, foram subsidiados 51 milhões de livros traduzidos destinados às escolas. A autora cita Hirsch (2009, p.64), que faz uma análise sobre a situação tradutória da época; para Hirsch, há uma oposição entre a tradução de prosa e de poesia: “a tradução de prosa, conservadora, e a de poesia, inovadora e transgressiva, mas voltada a um público mais erudito e seletivo.” (HIRSCH, 2009, p.64); para ela, “é na própria seleção dos poetas a serem traduzidos que o pioneirismo almejado pelos tradutores se revela.” (HIRSCH, 2009, p.64). Para Assef (2012, p.140), apesar da pouca atividade tradutória de poesia na época, atingida pela conjuntura política, as escolhas de poetas a serem traduzidos foram de “uma qualidade inegável” e marcadas pela “ousadia”.

Em seguida, na década de 1980, há um aumento significativo das vendas e um crescimento do mercado editorial. Assef cita Moriconi, que avalia esse crescimento como reflexo da abertura e democratização política do país, “que buscava sintonizar-se com a forma histórica da globalização neoliberal.” (MORICONI, 1997, p.306). O autor destaca o resultado positivo desse acontecimento que foi o crescimento inédito de poesia traduzida no Brasil. Assef (2012, p.142) faz uma contagem dos poetas traduzidos, que passa de 16 na década de 1970 para 45 na década de 1980. Ela vê, portanto, na redemocratização um grande passo em favor de “empreitadas editoriais daquele tempo” e lembra também que o número de línguas estrangeiras traduzidas para o português dá um salto para 11 línguas (inglês, espanhol, alemão, francês, italiano, grego, latim, japonês, coreano, egípcio e holandês). Nesse período, houve o incentivo à tradução de poesia *Beat*; a editora Brasiliense, a mesma que publicou mais tarde as traduções de Paulo Leminski³, teve grande importância nessas publicações, tendo lançado em 1983 a coleção “Rebeldes e malditos”.

Assef lembra a declaração de Claudio Willer sobre esse momento:

Novos ares, uma cultura de resistência ao autoritarismo, pessoas saindo de casa e procurando informações após o fim do AI-5 e da censura à imprensa, buscando alternativas às tendências literárias canônicas, o sucesso da poesia marginal, jornalismo cultural atrás de novas pautas: tudo isso favoreceu a recepção das obras beat que passaram a ser lançadas pelas editoras Brasiliense e L&PM a partir de 1983 (WILLER, 2009, p.117 apud ASSEF, 2012, p.143).

Interessa-nos destacar esse aumento e incentivo da atividade tradutória no Brasil na década de 1980, pois trata-se da década em que o poeta Paulo Leminski publicou todas as suas traduções. Dessa forma, percebemos como o incentivo às traduções foi reflexo do momento político e cultural da época no país.

Como lembra Wyler (2003, p.13), falar da tradução no Brasil é algo distinto, pois, diferentemente de outros países da Europa que detêm o poder cultural e econômico e possuem uma língua hegemônica, em que a tradução não passa de 2,5 a 3,5% da produção editorial, no Brasil esse valor chega até 80% do mercado editorial,

³ As primeiras obras traduzidas por Paulo Leminski pela Brasiliense foram: *Pergunte ao pó (Ask the dust)*, de John Fante (1984) e *Vida sem fim – as minhas melhores poesias (Endless life)*, de Lawrence Ferlinghetti (1984).

contando livros de prosa, poesia, referências, manuais e catálogos traduzidos. Diante dessa diferença a autora assinala que “apesar dessa presença maciça, o tradutor e seu trabalho permanecem ‘invisíveis’ aos olhos da maior parte da população do país.” (WYLER, 2003, p.14). Para ela (WYLER, 2003, p.20), esse fato se deve a “um certo colonialismo cultural” existente na população brasileira, que reflete um complexo de inferioridade, fazendo com que essa população não confesse que lê traduções e mantenha títulos de livros e filmes pelos seus originais. Ao lembrar que “toda reescritura, seja qual for a intenção que lhe dê origem, reflete uma certa ideologia e uma poética, cuja função é levar o receptor a reagir de uma dada maneira.” (WYLER, 2003, p.11), podemos conferir à tradução o poder de manipulação a serviço de um determinado poder. Nesse sentido, a autora conclui que, diferentemente dos países hegemônicos em que os livros traduzidos têm um fim em si mesmos, no Brasil, diante de seu grande número, “a tradução tem sido durante cinco séculos um veículo de aculturação.” (WYLER, 2003, p.25).

Em trabalho de 2003, Michaël Oustinoff destaca que em relação às obras literárias “a tradução representa apenas 2 a 4% das obras publicadas nos Estados Unidos ou na Grã-Bretanha, enquanto representa 8 a 12% na França, em torno de 14% na Alemanha, chegando a 25% na Itália e a 39% no Brasil.” (OUSTINOFF, 2003, p.51). O autor destaca ainda que apesar desses números, desde a segunda guerra mundial, o inglês é a língua mais traduzida do mundo, evidenciando um desequilíbrio flagrante, agravado pelo fato de as traduções anglo-saxônicas obedecerem a normas de legibilidade e preferirem dar ao seu leitor a impressão de que o que está sendo lido foi escrito originalmente na língua traduzida. O autor conclui, portanto, que “essa ‘transparência’ reforça ainda mais o efeito uniformizador do etnocentrismo, em detrimento das demais culturas. A tradução é, nesses tempos de globalização, uma questão que não deveria deixar ninguém indiferente.” (OUSTINOFF, 2003, p.51).

Em artigo de 2000, Rajagopalan destaca esse processo de “repressão colonial”, o qual a tradução influencia, mas também apresenta o outro lado dicotômico de que a tradução é também um meio disponível para que a nação colonizada possa exercer uma resistência significativa. Rajagopalan (2000, p.3) cita o livro da indiana Tejaswini Niranjana, *Siting Translation* (1992), em que a autora demonstra como a tradução exerce uma função de instrumento para a manutenção de poder entre colonizador e colonizado. O autor (2000, p.4) lembra que a colonização se dá tanto no sentido político como no sentido discursivo e neste último, por ser mais sutil, acaba sendo mais difícil de ser combatido. Para Niranjana (1992), os colonizados podem resistir pela tradução, oferecendo traduções alternativas de seus textos. Logo, conclui Rajagopalan (2000, p.18) que o grande avanço está em perceber que a linguagem está no centro dos acontecimentos e não em um lugar periférico.

Também neste sentido, Maria Lúcia Daflon (2009, pp.113-114) no artigo *A quem interessa?* destaca a discussão de Even-Zohar sobre a importância dos sistemas de literatura traduzida na formação de polissistemas literários, sendo que é de grande importância analisar as obras traduzidas em relação com sua literatura receptora, dando atenção para seu posicionamento central e periférico e seu papel na formação da literatura nacional. Ela destaca o artigo *The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem*, em que Even-Zohar sustenta que a literatura traduzida pode ter uma função renovadora no sistema de chegada – especialmente em sistemas literários fracos, jovens ou em crise, ocupando uma posição central e influenciando diretamente a formação daquele sistema. Por outro lado, em sistemas

literários fortes, ela tende a manter-se em posição periférica, adequando-se às normas dominantes naquela cultura receptora. Daflon conclui, portanto, que a partir de uma visão da literatura como um sistema dinâmico e dessa preocupação com o posicionamento central ou periférico da literatura traduzida no polissistema receptor, Even Zohar começou a estruturar uma nova abordagem para a tradução literária, preocupada com a recepção e o impacto do texto traduzido na cultura de chegada (DAFLON, 2009, p.114).

Deslocando essa problemática para a realidade brasileira, devemos relembrar fatos históricos vividos pelo país, como viemos destacando até o momento a influência da ditadura militar na produção tradutória. Depois dessa fase ditatorial, considera-se a constituição de 1988 como um marco que pôs fim aos últimos vestígios formais do regime autoritário no país. Desde a década de 1930, no Estado Novo, havia apreensões de livros em todo território nacional. Laurence Hallewell destaca que os livros eram apreendidos sem um critério justificável e cita algumas razões: “poderia ser pela linguagem franca, ou erotismo no tema, ou inaceitabilidade política, etc.” (HALLEWELL, 1985, p.370). O autor também lembra a prisão de Cecília Meireles por conta de sua tradução do livro *As aventuras de Tom Sawyer*.

Levando em consideração, portanto, que o Brasil é um país que passou por longas décadas de autoritarismo e de censura, um exemplo que podemos destacar é a publicação do *Satyricon*, de Petronio, traduzido por Paulo Leminski, no ano de 1988, como marca do período de abertura da liberdade de expressão. A obra latina possui um alto registro da linguagem popular da época, tem como enredo um trio amoroso homossexual e possui um amplo vocabulário erótico, além de satirizar os costumes da alta sociedade, principalmente em seu episódio mais conhecido, *O Banquete de Trimalquião*.

Dessa forma, ressaltamos que as características escolhidas nas obras a serem traduzidas pelos irmãos Campos, evidenciadas por Ana Cristina César (1988, p.145), também foram alguns dos critérios nas escolhas das obras a serem traduzidas por Paulo Leminski. A obra petroniana, por exemplo, traz uma irreverência temática, com “sexualidade explícita, erotismo, sátira social, violência, humor negro, ironia, elementos vulgares”, trabalha com o “instrumento verbal” na relação entre a linguagem mais formal em contraste com a informal e, por fim, assume uma “posição crítica”, pois instiga o pensamento sobre a sociedade da época. Todas essas características eram perseguidas pela censura e autoritarismo que obteve força durante décadas no Brasil, que foi usufruir de uma maior liberdade apenas a partir de 1988.

Nesse sentido, daremos destaque para a influência da teoria tradutória instaurada pelos irmãos Campos no Brasil, pois se trata da principal influência do poeta Paulo Leminski e foi também o movimento tradutório que mais impulsionou a crítica da tradução como manipulação de poder e veículo de aculturação no país. Como afirma Assef, com os irmãos Campos “a escolha tradutória foi vista como o fruto de uma ‘militância’ em prol de um projeto estético para o presente.” (ASSEF, 2012, p.169). A escolha “do que traduzir” e “como traduzir” começou a ser visto como “forma de intervenção e de poder exercida pelo tradutor” e portanto como forma de resistência e de abertura da liberdade artística e literária.

Como destacou Michael Oustinoff (2003, p.69), a tradução-texto não surge *ex nihilo*. Ela pressupõe a presença de um tradutor, determinado por três fatores: sua “posição tradutória”, ou seja, a maneira com que ele concebe o que é a atividade de tradução; seu “projeto de tradução”, que estabelecerá a maneira como ele traduz; finalmente, o “horizonte do tradutor”. O autor retoma Antoine Berman para enfatizar o significado do “horizonte do tradutor” nesse contexto, que segundo o estudioso pode ser definido “como o conjunto de parâmetros linguísticos, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar de um tradutor.” (BERMAN, 1985, p.79).

Em seus artigos Haroldo de Campos explicitou as principais características e convicções do “horizonte tradutório” da vertente brasileira da “transcrição”, incentivada e colocada em prática pelos poetas que lançaram o movimento concretista no Brasil. Em artigo publicado inicialmente em 1980 e depois reincorporado ao livro *Metalinguagem & Outras Metas* e novamente publicado em uma versão mais sucinta na revista *Tradterm*, em 1997, Haroldo de Campos reitera de forma muito clara os principais parâmetros e a essência do que podemos entender como “transcrição”. Haroldo afirma que esse grupo de poetas, do qual ele fez parte, “sustentava uma proposta de vanguarda radical no plano da linguagem, na tentativa de desenvolver uma poesia antidiscursiva, sintético-ideogrâmica, e não deixaram de lado a preocupação com a tradição, com a revisão polêmica da tradição, de um ângulo crítico e criativo.” (CAMPOS, 2013, p.203). Sendo assim, Haroldo de Campos (2013, p.203) conclui que é um fato muito coerente esse mesmo grupo de poetas terem feito da “tradução criativa” (“transcrição”, “transculturização”) uma prática constante, inspirando-se no *make it new* de Ezra Pound, nas teorias de Roman Jakobson e em Walter Benjamin. Em suas próprias palavras:

Trata-se, como se vê, de um amplo processo de “devoração” crítica da poesia universal, cujo propósito tem sido instaurar uma tradição de invenção e criar, assim, um tesouro de “formas significantes” para o estímulo criativo das novas gerações. A tradução, desse ponto de vista, é uma forma ativa de pedagogia. Sobretudo quando se traduz exatamente aquilo que é dado por intraduzível: “Sólo lo difícil es estimulante” (Lezama Lima) (CAMPOS, 2013, p. 204).

O poeta Paulo Leminski praticou a “transcrição” e também estabeleceu uma espécie de “paideuma” com suas traduções. Ele definiu o que gostaria de traduzir seguindo seus próprios interesses, de obras que de alguma forma compõem as leituras inspiradoras de sua própria obra poética, como lembrou Melo

Com o conjunto de traduções que publicou, almejou criar para si uma retaguarda, incluindo em nossa cultura, à sua maneira, alguns livros que, ligados a seu nome e à sua palavra, pudessem constituir alguma espécie de cenário para a sua produção pessoal. Um pouco ao estilo do paideuma de Ezra Pound, mas voltado especificamente à formação de um leitor de sua obra – porém, como é possível se identificar com os autores indicados por Pound sem se interessar pela produção pessoal do norte-

americano, pode-se também admirar tal conjunto de traduções apenas e tão-somente como um conjunto de traduções realizadas por um poeta (MELO, 1998, p.1).

Foram traduzidos na íntegra por Leminski um total de oito livros, são eles: *Pergunte ao pó* (*Ask the dust*), de John Fante (1984); *Vida sem fim – as minhas melhores poesias* (*Endless life*), de Lawrence Ferlinghetti (1984); *Um atrapalho no trabalho* (*In his own write*) e (*A sparniard in the Works*), de John Lennon (1985); *Giacomo Joyce*, de James Joyce (1985); *O super macho* (*Le surmâle*), de Alfred Jarry (1985); *Sol e aço* (*Tayo to tetsu*), de Yukio Mishima (1985); *Satyricon*, de Petrônio (1985) e *Malone Morre* (*Malone meurt Malone dies*), de Samuel Beckett (1986). As traduções elaboradas por Leminski relacionam-se com a “perspectiva sincrônica” de atualização dos originais, sendo que, para ele, essa perspectiva seria uma das formas de ser “fiel” ao original. Nessa proposta o autor e o tradutor falam a mesma língua e sintonizam em um mesmo tempo, resgatando obras das prateleiras e levando-as ao leitor. O próprio Leminski indica sua crença no projeto tradutório dos irmãos Campos e na importância que percebia na teoria da “tradução criativa”, como crítica e como única forma de dar vida nova ao texto do passado:

O que as línguas têm de mais próprio é intraduzível, como a poesia, é a poesia dos povos, suas expressões idiomáticas, aquelas que ou você entende no original, ou adeus. Poesia, afinal, não tem sinônimo. Traduções criativas, re-criações, são as mais idôneas (e enriquecedoras) quando devidamente acompanhadas de cotejos entre o texto de origem e o texto de chegada. (LEMINSKI, 2011, p.48).

Mais uma vez, nas cartas escritas a Bonvicino, Leminski externou seu sentimento e gosto pelo trabalho tradutório: “aqui traduzo muito/ poemas longamente mirados, tocados, curtidos/ tudo gente do passado remoto/ em momentos/ surpreendidos em flagrante de modernidade.” (LEMINSKI, 1999, p.74). Assim, para o poeta “dar vida ao passado” em forma de tradução, no tempo moderno, era algo que funcionava e que deveria ser praticado sempre, entre outras línguas, outras culturas e outros contextos.

Enfatizamos neste trabalho, portanto, a importância da tradução para a formação literária brasileira, principalmente a tradução criadora, a “transcrição”, que teve grande importância como marco diferencial na teoria e prática tradutória no país, sendo retomada a partir de então pelos tradutores posteriores à sua instauração. Assim como os poetas concretistas afirmaram, essa nova teoria repensou a tradução não mais como “cópia apassivadora ou de reflexo”, mas como “impulso da produção dialética da diferença”. Haroldo de Campos lembra Goethe, ao afirmar que “Toda literatura, fechada em si mesma, acaba por definhar no tédio, se não se deixa, renovadamente, vivificar por meio da contribuição estrangeira.” (CAMPOS, 2013, p.204). Logo, não é irrelevante a contribuição histórica e teórica desta teoria para a formação da literatura brasileira. Seus seguidores, ao enfrentar a alteridade de forma decisiva, realizaram um necessário exercício de autocrítica e romperam muitos limites, principalmente aqueles que a história do Brasil os obrigaram a encarar, de forma resistente e criativa, reinventando-se a cada linha e a cada texto traduzido.

Referências

- ASEFF, M. G. *Poetas-tradutores e o cânone da poesia traduzida no Brasil (1960-2009)*. Florianópolis: Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- BERMAN, A. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1985.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CAMPOS, H de. Tradição, Transcrição, Transculturação: o ponto de vista do ex-cêntrico. In: *Transcrição*. Org. Marcelo Tápia, Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CÊSAR, A. C. *Escritos da Inglaterra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DAFLON, M. L. "A quem interessa?". In: *O trabalho da tradução*. Org. Márcia Atália Pietrolungo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.
- FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Pulo: Edusp, 2003.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: (sua história)*. Trad. de Maria da Penha Villalobos (capítulos 1/10) e Lolio Lourenço de Oliveira (capítulos 11/20). São Paulo: Edusp, 1985.
- HIRSH, I. Rebeldia, ruptura e tradução. In: GALERY, M. C. V.; PERPÉTUA, E. D; HIRSCH, I. (orgs). *Tradução, vanguarda e modernismos*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- LEMINSKI, P. *Ensaio e Anseios Crípticos*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.
- LEMINSKI, P.; BONVICINO, R. *Envie meu dicionário: cartas e alguma crítica*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MELO, T. M. de. Tradução da Tradição: anotações sobre os motores da poesia de Paulo Leminski. *Kamiquase*, 1998. Disponível em: <<http://www.elsonfroes.com.br/kamiquase/ensaio2.htm>> Acesso em: 5 jul. 2018.
- MILTON, J. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- _____. A importância de fatores econômicos na publicação de traduções: um exemplo do Brasil. *Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia FFLCH USP*. v.17, 2010. pp.85-100. ISSN: 2317-9511.
- _____. Pós-modernismo e tradução de poesia em inglês no Brasil. In: *Cânones e contextos: Anais do 5º Congresso da Abralic*. Rio de Janeiro: Abralic, 1997, pp. 303-309.
- MORICONI, I. Apresentação. In: *Destino: poesia*. Antologia. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

NIRANJANA, T. Siting translation. Berkeley: University of California Press, 1992.

OUSTINOFF, M. Tradução: História, teorias e métodos. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

PAES, J. P. A tradução Literária no Brasil. In: . Tradução a ponte necessária. São Paulo: Ática, 1990, pp.9-31.

PEREIRA, L. M. Paulo Leminski, tradutor de latim: renovando o Satyricon, de Petrônio. Araraquara: (Dissertação de Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2016.

RAJAGOPALAN, K. Pós-modernidade e a tradução como subversão. Transcrito dos Anais do VII Encontro Nacional de Tradução/I Encontro Internacional de Tradução - Universidade de São Paulo, 7 a 11 de setembro de 1998. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/idioma/19980911.htm>>. Acesso em: 13 abr 2018.

RODRIGUES, M. A década de 80. Brasil: quando a multidão voltou às praças. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SANTANA, I. J. Paulo Leminski: Intersemiose e Carnavalização na tradução. São Paulo: (Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002.

WANDERLEY, J. A tradução do poema: Notas sobre a experiência da Geração de 45 e dos Concretos. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PUC, 1983.

WILLER, C. Geração beat. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

WYLER, L. Línguas, poetas e bacharéis. Uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.